



Fachada da igreja, que teve à frente os jesuítas

Séculos de história em capela

Construída em 1584 por escravos, a capela de São João Batista, em Carapina Grande, foi tombada como patrimônio histórico em 1984

A capela de São João Batista, em Carapina Grande, na Serra, guarda séculos de história, que poderia ser contada nos livros.

A construção da pequena igreja teve início em 1584, e foi realizada pelos escravos que chegaram com os jesuítas ao Brasil. Na região, também havia uma aldeia de índios.

Localizada numa região elevada e nas proximidades de um rio, a pequena igreja se tornou um monumento histórico em 1984.

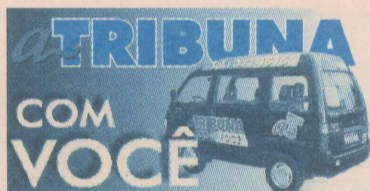
No local, é possível avistar o Convento da Penha, em Vila Velha. Segundo moradores do bairro, os jesuítas costumavam se comunicar por meio da luz de lampiões.

De acordo com informações do levantamento do Patrimônio Cultural Arquitetônico Tombado, a região dos jesuítas servia de pousada para viajantes que se dirigiam ao Convento dos Reis Magos, em Nova Almeida.

Conta-se que um antigo casarão, que ficava próximo à pequena igreja, era a residência oficial dos jesuítas. Atualmente, existem apenas as ruínas da construção.

No século XVII, o lugar foi abandonado pelos jesuítas e se tornou uma propriedade particular. Estudos revelam que a capela São João foi reconstruída em 1746, quase em sua totalidade.

Em 1870, aconteceu uma nova restauração da edificação. Em função das constantes modificações, a igreja perdeu um pouco as suas características originais.



Moradores de Carapina Grande lembram que, em 1972, todos os objetos de valor, inclusive as imagens da capela, foram roubados. A última missa foi celebrada em 1981.

Após o tombamento, há 17 anos, as dependências do monumento histórico foram recuperadas novamente e, em 1996, a igreja foi entregue para a comunidade restaurada. Atualmente, o local é visitado por turistas de todo o País.

Nas proximidades da capela está situado o cemitério do bairro. Acredita-se que o local tenha sido construído no período jesuítico.

Um dos moradores mais antigos da região, o aposentado Leocarlino Nascimento, 83 anos, nasceu nas proximidades da antiga aldeia de índios. "Isso aqui era só mata. Só dava para andar numa pequena trilha que os próprios moradores construíram. As noites só eram mais iluminadas quando tinha lua cheia", lembrou o morador.

O desenvolvimento urbano da região teve início na década de 80, quando o local se tornou um bairro independente, cujo nome foi alterado de Carapina para Carapina Grande. O nome do bairro surgiu por causa de um carpinteiro italiano que morou na região.